

Missão Espiritana

Volume 27 | Number 27

Article 48

10-2017

Simpliciter

Manuel Sá Paula

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sá Paula, M. (2017). Simpliciter. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/48>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

SIMPLICITER

MANUEL SÁ PAULA

Colega de curso

Amigo Zelito,

Em jeito de carta venho lembrar-te os factos simples da vida que partilhámos e que ficarão sempre como os traços mais luminosos que me deixaste.

Não esqueço aquela comunidade do Restelo, tão diversa nas suas personalidades, onde a tua boa disposição era rainha. As negociações que fazíamos para que a cozinha fosse a tua tarefa e eu ficasse com outras lides domésticas mais fáceis e as disputas futebolísticas no recreio alcatroado da vizinha escola primária onde deixávamos o suor e a pele ou o teu desempenho brilhante nos torneios universitários de futebol, onde, sem óculos, conseguias sempre salvar a equipa!

Olha, lembro-me que as famílias se encontraram nos seus modos simples e fraternos, próprios daqueles que sempre encontraram almas gêmeas na terra e naqueles que a trabalham. E desses modos e dessas terras e desses nossos parentes nasceram encontros e reencontros.

E lembras-te que nos enfeitiçavas com a riqueza das cerejas, fruto da terra e do trabalho dos homens, qual celebração da partilha sem espera de retorno. Eram momentos sublimes.

E o mundo foi-se abrindo nos nossos horizontes em compromissos eclesiais próximos de nós, enquanto o teu exemplar empenho no trabalho académico, o teu singelo apego à oração eram para aquele grupo as marcas de um verdadeiro escolhido.

Não te esqueço enquanto lavávamos pratos em Paris, para que pudessemos frequentar a *Alliance Française* e tu sobrevoavas o *Jardin du Luxembourg* com a tua boina basca a caminho do *Boulevard du Raspail*, onde se aprendia francês num ambiente multicultural precursor do *Erasmus*.

E as missas novas? Como poderia esquecer as semanas de preparação, a qualidade do trabalho com as comunidades e os momentos celebrativos. Até hoje as nossas aldeias não o esqueceram e na minha também não esqueceram como os “padres” jogavam bem à bola! E lá está: tu à baliza!

E depois os caminhos continentais separaram-nos, mas nunca nos afastaram. E cada um de nós, à sua maneira, foi trilhando o caminho da Missão.

Sabes, Zelito? A tua marca mais indelével que perdurará para sempre na minha vida deixaste-a quando, tendo eu feito a escolha de um estado de vida diferente, tu foste capaz de não olhar para o lado, nem de lado, e frequentar a casa da família que eu constituíra.

Obrigado por não me teres faltado! Como sempre.

E por aqui me despeço, que as cartas não se querem longas.

Até sempre, amigo. Vela sempre por nós!

A SALADA FRIA

PAULO VAZ

1º Presidente dos Jovens Sem Fronteiras

— Porque é que não fazemos uma salada fria?

Estávamos em agosto de 1990, na Semana Missionária dos JSF aquartelada em Caravela (Trás-os-Montes). Naquele último dia da atividade, a distribuição rotativa dos encargos emparelhara-me com o Pe. Zé Manel nas tarefas de cozinha. Abrimos o frigorífico e contemplámos as sobras das esmeradas refeições preparadas pelas equipas de todos os dias anteriores. E logo a rápida voz do Pe. Zé Manel dissolveu a minha hesitação perante a miragem do desperdício daquelas suculentas virtualhas:

— Porque é que não fazemos uma salada fria?

Prontamente nos lançámos à urgência do aproveitamento, com o espírito missionário de nada perder dos recursos disponíveis. Juntámos massa guisada, farripas de couves e algumas batatas cozidas, carnes diversas (creio que peixe também...) e salsichas enlatadas. E os ovos que cozemos e tomate cortado em gomos. E ainda houve tempo para aproveitar o leite que havia na confeção de um pudim instantâneo, remate de aprazível doçura para aquele inesquecível repasto de diversidade e comunhão, corolário e encerramento daquela Semana Missionária.

Fazer a salada fria não foi mais fácil ou difícil do que seria qualquer outra sofisticada ementa. Mas foi um ato de imaginação e sustentabilidade que me ensinou o inquestionável valor de tudo o que existe, o novo significado que se pode dar ao que já parece inútil ou perdido, a forma como se pode sempre fazer novidade, como se pode construir presente com os despojos do passado. Foi uma lição missionária, das muitas que recebi do Pe. Zé Manel.